



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O grito dos secundas: O processo político e comunicativo dos estudantes durante o boicote ao Saesp¹

Francine Altheman²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) / Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP)

Resumo

Este artigo analisa imagens produzidas pelos próprios secundaristas no boicote ao Saesp, durante o movimento de ocupação das escolas em São Paulo, como estratégia comunicativa de resistência e insurgência. A proposta é observar como as imagens insurgentes configuram a cena enunciativa e resistente de um sujeito político que aponta para um modo de estar no acontecimento. Esse processo, inspirado no método da igualdade de Rancière, mostra que a imagem se configura como um instrumento político da ação política, fruto do empenho coletivo dos secundaristas. Além disso, propomos uma observação inserida nos conceitos foucaultianos de biopolítica e biopoder, em sua interface com Deleuze e as estratégias de resistências.

Palavras-chave: Insurgência. Processos Comunicativos. Biopolítica. Acontecimento político. Secundaristas.

1. Introdução

Na última década, movimentos de protesto e resistência têm eclodido no mundo todo, com reivindicações próprias em cada região, marcados, principalmente, pelas formas de organização coletiva. Esses movimentos ficaram sob os holofotes dos tradicionais veículos de comunicação após grandes ocupações de espaços públicos. Podemos citar como exemplo a Primavera Árabe e a emblemática imagem da Praça Tahrir, no Egito, ocupada por milhares de manifestantes; nos Estados Unidos, a população tomou o centro financeiro de Nova Iorque, com o Occupy; os espanhóis tomaram

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 9 – Comunicação, Discursos da Diferença e Biopolíticas do Consumo, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Doutoranda no PPGCOM da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Mestra pela Faculdade Cásper Líbero; Formada em Comunicação Social – Jornalismo – pela Unesp. Supervisora de estágio e docente do curso de Jornalismo da ESPM-SP. E-mail: franaltheman@gmail.com.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

as ruas de Madrid, em um movimento que ficou conhecido como Indignados. Além de ocupar as ruas, esses movimentos têm em comum seu surgimento em um momento de profunda crise financeira, que questiona e recusa o sistema capitalista neoliberal globalizado, desnuda a desigualdade socioeconômica desses países e propõe novas formas de produção e circulação de enunciados em cenas polêmicas. Grande parte de seus integrantes é composta pelos “precarizados”, sujeitos de diversas origens sociais, desempregados, estudantes endividados e inseguros quanto ao futuro, jovens desencantados com a democracia e com a política, tomadas pelos interesses do capital (DELLA PORTA, 2015).

No Brasil, as Jornadas de Junho de 2013, organizadas inicialmente pelo *Movimento Passe Livre*, foram inspiradas nas resistências supracitadas e tiveram como estopim a luta pelo transporte público de qualidade (e o direito à cidade) e contra o aumento da tarifa proposto pelos governos. Existem interpretações diversas sobre esse momento na história do Brasil e seus desdobramentos políticos, mas é fato que as Jornadas abriram espaço para uma multiplicidade ambivalente de protestos em uma centena de municípios do país (ALONSO e MISCHÉ, 2017; MENDONÇA, 2015).

Esses movimentos de organização coletiva, chamados “os mais novos movimentos sociais” (DAY, 2004), ou movimentos de insurgência (FOUCAULT, 2010; COMITÊ INVISÍVEL, 2016), têm outras comunalidades importantes: notável capacidade de comunicação, com inovação e criatividade nas formas de disseminar seus propósitos de contestação social; horizontalidade, apartidarismo e negação e/ou rompimento com o Estado; e o uso das redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, em sinergia estratégica com as ocupações dos espaços públicos (BUTLER, 2011; HARVEY, 2014; CASTELLS, 2013).

No final de 2015, um levante estudantil acontece no Estado de São Paulo por causa da proposta de reorganização escolar anunciada pelo governo do Estado. Percebendo a importância da ação direta, e não apenas do ativismo digital, e partindo de um gesto político que elege o agonismo e a articulação como forma de expressão política, estudantes secundaristas³ promovem um movimento de insurgência⁴

³ De acordo com o dicionário Michaelis (<http://michaelis.uol.com.br/>), o termo secundarista diz-se de ou estudante do ensino médio (antigamente denominado segundo grau). Entende-se como secundaristas, neste artigo, os estudantes de ensino médio de escolas públicas que participam ou participaram dos movimentos objetos de análise deste artigo.

⁴ Diferentemente dos movimentos sociais, os movimentos insurgentes são aqueles que nascem a partir de um acontecimento, rompendo com o estado atual e propondo insurreições, que põem “devires revolucionários em ação” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 52). O ponto forte dos movimentos insurgentes é enfraquecer o tecido do exercício do governo e insuflar o próprio movimento a uma nova legitimidade.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

que ganha relevância nacional e passa a configurar modos de resistência e experimentação de outras possibilidades de organização política coletiva.

É interessante observar que as ocupações rompem com uma instituição formal, estabelecida, de governo para implementar um autogoverno, com escalas de trabalho e divisão de tarefas para a sobrevivência dos acampados, com reuniões de discussão política e de estudos, que envolvem a leitura de livros para posterior discussão e debates sobre o andamento do movimento e os próximos passos, com a organização da limpeza, alimentação e higiene realizada pelos próprios estudantes de modo horizontal, sem líderes formalizados.

A instituição do movimento, após a ruptura com o governo existente, já propõe processos de comunicação próprios para a manutenção e organização das formas de governo. A apropriação de espaços conversacionais da internet e o ativismo em rede, a criação e viralização de petições e protestos, os registros audiovisuais dos atos e da truculência policial são alguns outros processos comunicativos dos novos modos de insurgência que aparecem no movimento dos secundaristas.

Nesse sentido, há questões importantes que podem ser apreendidas a partir da experiência das ocupações, especialmente no que se refere ao protagonismo político que o movimento proporciona aos secundaristas, alicerçado em processos comunicativos, que os impele para vivências nas quais combinam habilidades críticas de expressão, justificação recíproca e colaboração, definindo-se enquanto sujeitos políticos, éticos e sociais.

Para discutir parte das questões que envolve o movimento dos secundaristas, proponho, neste artigo, a observação de um momento peculiar das ocupações de escolas em 2015: o boicote ao Saresp. Naquele momento, os estudantes se organizaram em um movimento de contraposição à prova organizada pelo governo estadual – o Saresp – como forma de confrontar o Estado. Para dar visibilidade ao boicote, os alunos fotografavam a prova rasurada e divulgavam nas redes sociais digitais.

Pretende-se compreender o encadeamento das ações, discussões, reações e resistências que envolvem o processo de boicote, sob o olhar dos próprios secundaristas, observando como eles se apresentam, como insurgem, como comunicam suas demandas e como resistem.

A experiência e o acontecimento desses momentos supracitados se configuram por meio das imagens produzidas durante o ato da disputa política, ou seja, no momento do boicote. São imagens conflituosas e performáticas, em que aquele que fotografa também é um manifestante. Desse modo, ao



se colocar no meio da resistência política com a câmera (normalmente o celular), o corpo político se configura numa força e numa ação.

Pensando nesse contexto, em que não se pode suprimir ou desconsiderar a voz desse sujeito político, esta pesquisa terá no método da igualdade, proposto por Jacques Rancière (2000a; 2000b; 2007; 2009), a sua inspiração metodológica.

O processo político gerado pelo movimento dos secundaristas, com a resistência materializada no boicote ao Saesp, tem também como base conceitual, neste artigo, autores que inspiram a compreensão dessa pesquisa, como Foucault (2010; 2015; 2017), na formação do sujeito político do militante que registra as imagens e inscreve essas imagens na insurgência; na perspectiva do acontecimento, como uma configuração de forças e de sentidos que estão em jogo no conflito político, recorreremos a Deleuze (2013).

2. Movimento dos secundaristas nas ruas

Apesar da infundada marca de apatia política que acompanha os jovens ou do aspecto de vulnerabilidade que condiciona seu agir (já que eles raramente alcançam o status de interlocutores nos processos decisórios, sendo visto como incapazes de representarem a si mesmos, sendo sua cidadania por várias vezes tutelada), eles têm tido papel marcante nos contextos dos mais novos movimentos sociais.

A necessidade de conter a juventude, seja por meio de leis repressivas, práticas policiais ou pela tecnologia, demonstra um certo medo do potencial da militância estudantil. Entende-se esses movimentos como experimentações criativas, insurgentes, fundantes, que não podem ser estudados com o apoio de discursos e teorias pautados em ideologias neoliberais. É preciso pensar em um novo contexto e léxico para refletir acerca das ações, processos comunicativos e existência desses movimentos, levando em conta as suas peculiaridades.

Pesquisas realizadas nos últimos anos com jovens brasileiros (MAYORGA et al., 2012; SOUTO e SILVA, 2009) têm mostrado que, para os estudantes, a escola é um espaço que causa estranhamento e apatia, pois não fomenta a participação dos próprios atores sociais que frequentam esse espaço público. Por outro lado, ao se colocarem como sujeitos políticos do processo escolar, envolvendo-se nas decisões de assuntos que afetam o cotidiano escolar, mesmo que, para isso, tenham



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

que romper com o governo instituído, os jovens tendem a considerar a escola como um espaço que potencializa a política (CASTRO, 2012).

Essas pesquisas corroboram com a insurgência estudantil que acontece no país a partir de 2015. Percebendo a importância da ação direta, e não apenas do ativismo digital, e partindo de um gesto político que elege o agonismo e a articulação como forma de expressão política, estudantes secundaristas promovem um movimento contestatório que ganha relevância nacional e passa a configurar modos de resistência e experimentação de outras possibilidades de organização política coletiva.

Conhecida como “Primavera Secundarista”⁵, o movimento teve início em São Paulo, em setembro de 2015⁶, por causa da proposta de reorganização escolar anunciada pelo governo do Estado, que iria transferir, já no ano letivo seguinte, mais de um milhão de alunos para que as escolas fossem divididas por ciclos. Como consequência dessa medida, mais de 150 escolas seriam afetadas.

Ainda em setembro, inicia-se um levante nas redes sociais digitais promovido pelos alunos secundaristas, que questionam o programa proposto pelo governo e reivindicam mais informações, em um primeiro momento. Com o descaso que se segue por parte do governo e com o final do ano letivo se aproximando, os alunos começam a saber, pela própria escola, que não estudarão mais ali, mas também não há informação sobre a escola em que iriam estudar. Vários alunos que estão nessa situação começam a usar o *Facebook* para discutir o assunto e decidir o que fariam. O movimento tem suas primeiras discussões na rede, ainda no final de setembro, por meio de hashtags como #AEscolaÉNossa, #ÉNóisQueManda e #LutarPeloNossoDireito (CAMPOS et al., 2016).

A partir daí, acontece uma sucessão de eventos, que mostram o rompimento dos estudantes com o governo e a consequente insurgência de um movimento que culminaria com o recuo do governo na proposta de reorganização escolar – pelo menos temporariamente – e com a renúncia do secretário de Educação em dezembro daquele ano. Essa onda de protestos, conhecida como movimento de

⁵ O nome faz referência à Primavera Árabe, quando uma onda de protestos e manifestações populares que eclodiu no mundo árabe em 2011. Esse momento histórico é considerado o estopim dos mais novos movimentos sociais.

⁶ É importante ressaltar que o movimento se espalhou por vários Estados do Brasil, especialmente durante o ano de 2016, por meio da tática do contágio: os secundaristas “contaminavam” seus colegas de outros Estados para que estes também ocupassem e reivindicassem suas pautas. Cada Estado teve suas próprias pautas de reivindicações.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

secundaristas, começou com fechamento de ruas em São Paulo, fomentado por *performances* criativas dos alunos e culminou com a ocupação de mais de 200 escolas, entre novembro e dezembro de 2015⁷.

Em novembro, com a aproximação da data para os estudantes fazerem o Saresp, avaliação anual do governo do Estado que mede o desempenho dos alunos, a prova se tornou uma estratégia dentro da manifestação, tanto por parte do governo, quanto dos estudantes, como veremos mais adiante.

A apropriação da internet e o ativismo em rede, como vimos, são alguns dos processos comunicativos dos novos modos de insurgência que ficam mais fortes nesse momento. Desse modo, as experiências ligadas ao movimento estão intimamente relacionadas aos processos comunicativos que o permeiam: eles aparecem tanto na interação dos próprios sujeitos políticos, caracterizando suas experiências e fazeres cotidianos, quanto na sua própria produção midiática, que precisa enfrentar a cobertura dos veículos de comunicação tradicionais utilizando as redes sociais e as mídias alternativas.

3. O boicote ao Saresp no auge das ocupações

O número de escolas ocupadas no Estado de São Paulo passou de menos de 25 no início de novembro para quase 200 na segunda quinzena do mês⁸. Esse aumento estrondoso começou a causar dores de cabeça para o governo estadual, pois, além de os estudantes terem ganho visibilidade e apoios importantes da população, como de artistas e intelectuais, por exemplo, a mídia tradicional também começa a se render a cobertura expressiva do movimento.

Como o movimento ganha uma proporção enorme, que envolve centenas de escolas e milhares de estudantes, surge o *Comando das Escolas Ocupadas*, uma espécie de entidade, criada pelos próprios estudantes, que visa a unificar as ocupações em torno de um ideal comum, propondo “um espaço de articulação independente, horizontal e apartidário, aberto a todas as ocupações que estão em luta”⁹.

Em reunião realizada na Escola Fernão Dias, em 21 de novembro de 2015, a primeira iniciativa do Comando foi promover um boicote ao Saresp, avaliação anual que mede o rendimento escolar dos

⁷ Contagem realizada pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) em tempo real, entre os dias 8 de novembro de 2015 e 19 de janeiro de 2016.

⁸ Contagem realizada pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) em tempo real, entre os dias 8 de novembro de 2015 e 19 de janeiro de 2016.

⁹ Manifesto pronunciado na Escola Estadual Fernão Dias, em São Paulo, em reunião realizada em 21 de novembro de 2015.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

estudantes. Para isso, recorreram ao coletivo *O Mal Educado*, que já possuía manuais e táticas para promover o boicote às avaliações fomentadas pelo governo.

BOICOTE O SARESP

1 O QUE É O SARESP?

Uma prova aplicada pelo governo estadual para avaliar o desempenho de escolas e alunos. O governo alega que usa as notas e os índices do Saresp para orientar suas políticas para a educação pública. Mas a política de Alckmin nós já conhecemos: fechar salas, fechar escolas, cortar verbas, precarizar e privatizar a educação pública.

2 PARA QUE SERVE?

Para nada que o governo promete. O Saresp é usado para intimidar os professores e estudantes, retirando investimentos das escolas que vão mal na prova. É uma política de produção de índices, que hierarquiza e gera concorrência entre as escolas e os professores, atraídos pelas bonificações que podem receber para complementar seu salário miserável. Os estudantes são tratados como meros números e nunca são beneficiados por esse tipo de prova.

3 PARA QUE NÃO SERVE?

Definitivamente o Saresp NÃO é uma ferramenta para os estudantes e a população decidirem os caminhos de sua própria educação. Não serve nem sequer para avaliar as condições da educação atual, pois seus resultados são frequentemente falsificados pelas escolas para garantir o bônus.

4 POR QUE BOICOTAR?

Milhares de estudantes estão na luta contra a reorganização e o fechamento das escolas: nas últimas semanas fizeram centenas de manifestações e ocuparam mais de 80 escolas pelo estado. O Saresp é mais uma das ferramentas do governo Alckmin para justificar os fechamentos e a reorganização das escolas. Boicotar o Saresp é mais uma forma de lutar contra a reorganização e apoiar as escolas ocupadas.

FIGURA1 – Panfleto sobre o boicote ao Saresp divulgado pelo *O Mal Educado*

FONTE: *O Mal Educado*¹⁰

É importante ressaltar que o Saresp, que aconteceria nos dias 24 e 25 de novembro, faz parte de uma estratégia emblemática tanto do governo quanto dos estudantes. Para os secundaristas, o Saresp representava o modelo de educação que eles rejeitavam, afinal como o aluno poderia ser avaliado por uma única prova? (CAMPOS et. al, 2016)

Para o Estado, o Saresp seria a oportunidade ideal para esvaziar o movimento dos secundaristas. Por isso, o governo estadual passa a divulgar que as escolas ocupadas não fariam o Saresp e que isso prejudicaria toda a escola, pois os investimentos seriam retirados (as escolas que têm as melhores notas

¹⁰ Extraído da página *O Mal Educado*, do Facebook, disponível em <<https://www.facebook.com/mal.educado.sp/?fref=ts>>. Último acesso em 26/03/2018.



no Saresp recebem bônus, bem como seus professores). Uma campanha do governo começa a ser articulada para intimidar estudantes, professores e diretores das escolas.

No entanto, mesmo com a pressão do governo, principalmente em professores e funcionários das escolas ocupadas, os estudantes não cedem e o movimento, ao invés de minguar, acaba crescendo ainda mais nos dias seguintes: no dia 20, eram cerca de 80 escolas ocupadas; no dia 24, o número sobe para 160¹¹.

No estudo empírico realizado para este trabalho, concentramos a análise nesse recorte temporal – período de boicote ao Saresp – e nas imagens postadas pelos alunos que boicotaram a prova da página do *Facebook* do coletivo *O Mal Educado*, um dos principais espaços abertos que fez a divulgação do movimento e fomentou o boicote ao Saresp.

4. O método da igualdade de Rancière: uma proposta metodológica

Ao explicar seu método da igualdade, Rancière (2000b; 2009) esclarece primeiramente que a igualdade dos seres falantes intervém na divisão consensual do sensível como um suplemento, um excesso, uma ruptura com as leis naturais que organizam e coordenam a gravitação dos corpos sociais. Ao mesmo tempo, ele afirma que a igualdade se refere ao potencial de paridade que existe nas práticas realizadas pelos sujeitos. Isso não equivale a pensar a igualdade como “conjunto de direitos atribuídos a indivíduos e populações, com instituições especializadas na redução da distância entre fatos e normas” (2000b, p.6). Quando explica seu método a partir da obra *A noite dos proletários*, Rancière insiste em mostrar que não leu os textos por eles escritos como documentos que expressavam a condição ou cultura dos trabalhadores (ou seja, não se tratava de recolher documentos que detalhavam problemas expressos na linguagem do povo). Em vez disso, procurou lê-los como textos literários e filosóficos, marcas de uma luta por cruzar as fronteiras entre linguagens e mundos.

Na *Noite dos Proletários* foi necessário que eu extraísse os textos dos trabalhadores do status que a história social ou cultural atribuiu a eles: uma manifestação de uma condição cultural particular. Eu olhei para esses textos com invenções de formas de linguagem similares a todas as outras. A procura de sua valência política estava na sua reivindicação da eficácia da literalidade, nos poderes igualitários da linguagem, indiferente com relação ao status do falante (RANCIÈRE, 2000a, p.116).

¹¹Contagem realizada pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) em tempo real, entre os dias 8 de novembro de 2015 e 19 de janeiro de 2016.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Não se trata apenas de produzir novas interpretações sobre enunciados ou objetos, desnaturalizando as interpretações institucionalizadas, mas de invenção de um outro vocabulário, apresentando novos termos, novos enunciados ao lado daqueles que foram adquirindo força de lei. O próprio gesto da escrita é ressignificado nesse processo, uma vez que cria “um certo espaço comum, um modo de circulação da linguagem e do pensamento que não possui nem um emissor legítimo e nem um receptor específico, nem tampouco um modo de transmissão regulado” (2000b, p.12). Esse espaço de reinvenção de enunciados confere à literatura papel especial na construção da igualdade entre os interlocutores.

O método da igualdade de Rancière consiste em procurar nas narrativas das pessoas a subversão de uma performance da desigualdade. Na construção e escrita de sua experiência sensível, o operário (ou o secundarista) implementa um “como se” diferente que desloca a lógica que o remete a um dado lugar social. Não há aqui um uso das artes, da literatura e da escrita como instrumento de libertação da consciência e instauração de uma revolução contra a opressão de classe. Rancière aposta em um reenquadre da situação de opressão: ela não deixa de existir, porém há uma transformação molecular dos afetos que permitem uma abertura a novas percepções.

O operário liberta a si mesmo ao se tornar menos consciente da exploração e ao colocar de lado, seu controle sensório. Ele liberta a si mesmo ao alimentar um poder de auto-engano (auto-ilusão). Esse poder o faz trabalhar ainda mais em benefício de seu inimigo, e contra a conservação de sua saúde. Mas esse contra-efeito, que resulta de seu modo de reenquadrar o espaço e o tempo de exercício de sua força de trabalho é a fonte de um novo prazer, o prazer de uma nova liberdade (RANCIÈRE, 2009, p.277).

Trabalhar com esse método, portanto, significa compreender que a narrativa do trabalhador deve ser considerada como conhecimento tanto quanto o discurso científico, ou seja, deve-se atribuir ao trabalhador (ao secundarista, no caso desta pesquisa) a mesma capacidade de perceber as questões políticas que o cerca e produzir entendimentos sobre elas. “Nenhum limite positivo separa aqueles que são aptos para pensar daqueles que não são aptos para pensar. É por isso que os limites são continuamente traçados e retraçados” (RANCIÈRE, 2009, p. 281).

Na seção seguinte, observo, a partir do método da igualdade de Rancière, duas imagens feitas pelos próprios secundaristas no auge do ato político contra o Saresp, postadas nas redes sociais. Ao tomarem para si o gesto de inventar e fazer circular suas próprias palavras, colocam em prática o mesmo gesto dos operários que tiveram suas cartas analisadas por Rancière: um modo de circulação da palavra escrita que pertence à partilha democrática do sensível.



Nesse contexto, deixam evidente as potencialidades políticas da resistência, que corroboram com a formação desse sujeito político. A subjetivação está associada à transformação política de si, ou seja, de um sujeito que assume o risco de narrar sua própria história, expressando sua resistência e conectando-se ao enunciado e à enunciação de modo a não só produzir efeitos sobre os outros, mas a “afetar o objeto da enunciação, produzindo uma transformação existencial” (LAZZARATO, 2014, p.151) escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo.

5. Como resistir pela produção de imagens: a potência insurgente no espaço biopolítico

A observação proposta neste artigo está ligada a duas imagens produzidas pelos secundaristas durante o boicote ao Saesp, em novembro de 2015. Como visto acima, os estudantes resolveram divulgar imagens nas redes sociais, produzidas por eles mesmos durante a prova, para dar mais visibilidade ao boicote.

Como as imagens foram produzidas pelos próprios secundaristas, que também são militantes, no auge do ato político, temos que considerar que o discurso é produzido por ele mesmo. A descrição das próprias experiências no calor do acontecimento feita pelo estudante é política. A forma de linguagem, como proposto por Rancière (2010), está aberta a todos e qualquer um pode tomar parte no processo político e ao mesmo tempo estético de construção dessa resistência.

Uma imagem que ilustra essa forma contestatória de apropriação é a seguinte:

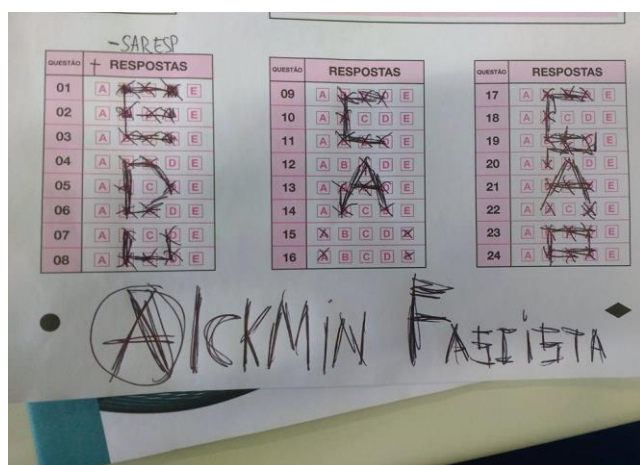


FIGURA 2 – Imagem feita por aluno e postada no dia 24 de novembro na página *O Mal Educado* e amplamente replicada em outras páginas



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

FONTE: *O Mal Educado*¹²

Mesmo que essa imagem insurgente tenha circulado pelas redes sociais e tenha ganho alguma visibilidade, a dimensão acontecimental, o espaço biopolítico que fica evidente na imagem, a vontade de intervenção nesse espaço, fazem da performance a conquista do ato político do qual ela é parte.

Cabe aqui fazer abrir um espaço para esclarecer, de forma geral, os conceitos pensados para a análise. O termo biopolítica foi desenvolvido em diversas obras e conferências de Michel Foucault (2010; 2015; 2017). Para Foucault (2010), o corpo é uma realidade biopolítica e ele a situa num contexto mais amplo, que ele denomina biopoder. “Trata-se de um poder negativo sobre a vida, um poder limitativo, restritivo, mecânico, expropriador” (PELBART, 2011, p. 56).

Foucault (2017) explica que nesse novo regime, o poder é destinado a produzir forças e as fazer crescer e ordená-las, mas do que barrá-las e destruí-las. É gerir a vida, fazer viver, e não exigir a morte. É o discurso da vida e da sobrevivência: poder matar para poder viver.

Esse “fazer viver”, característico do biopoder, tem duas formas principais: a disciplina e a biopolítica. A disciplina é a característica principal das instâncias de adestramento. A escola, onde o objeto de estudo deste artigo se insere, é uma das principais instituições disciplinadoras (FOUCAULT, 2017). Ao tentar forçar os alunos a fazerem a prova, com ameaças, o Governo tenta disciplinar os estudantes.

Por outro lado, a biopolítica surge mais tarde e mobiliza outro componente estratégico de poder: a gestão da vida incidindo não sobre o indivíduo, mas sobre o coletivo, sobre a espécie (FOUCAULT, 2010; PELBART, 2011).

(...) a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala [biopolítica] se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença etc. Logo, depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante mas que é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie (FOUCAULT, 2010, p. 204).

¹²Extraído da página *O Mal Educado*, do Facebook, disponível em <<https://www.facebook.com/mal.educado.sp/?fref=ts>>. Último acesso em 26/04/2017. Esta imagem gerou 271 curtidas, 201 compartilhamentos e 13 comentários.



Na esteira de Foucault, percebe-se que o movimento dos secundaristas carrega nuances biopolíticas e se instaura como homem-espécie (os estudantes) contra um Estado com vertentes biopolíticas e não somente disciplinares, como se atrevera a supor, a priori.

O próprio Foucault (2017) também alerta sobre “a economia dos corpos e do prazer” (p. 150), quando o corpo, preso a um dispositivo, não poderia oferecer um terreno firme contra as pretensões do soberano. A vida, mais privada, torna-se política, na definição original de Foucault sobre a biopolítica como “socialização” do corpo, num sentido mais amplo.

No entanto, Foucault (2017) vai admitir que os discursos podem ser um ponto de resistência ao poder, ao soberano. O discurso, assim como o silêncio, faz parte de um jogo complexo: pode ser instrumento e efeito do poder, mas também pode ser o ponto de partida para uma estratégia oposta.

Não existe um discurso do poder de um lado e, em face dele, um outro contraposto. Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de forças; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas (FOUCAULT, 2017, p. 111).

Ao escrever na prova “Educação” em clara oposição à frase “Alckmin Fascista”, o estudante produz um discurso estratégico político, que se insere, na perspectiva de Deleuze (2013), em um rompimento com o estado das coisas e apontem para um devir.

Vejamos outra imagem divulgada no mesmo dia:

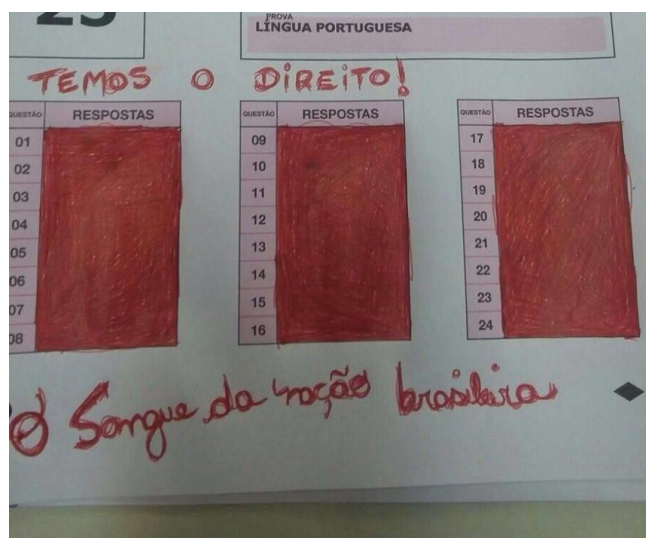


FIGURA 3 – Imagem feita por aluno e postada no dia 24 de novembro na página *O Mal Educado* e amplamente replicada em outras páginas



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

FONTE: *O Mal Educado*¹³

A imagem insurgente carrega o lastro da realidade, expõe o risco real, o discurso verdadeiro, a precariedade, pois nasce no calor do momento. Nesse contexto, como ressalta Deleuze (2013), o acontecimento é o próprio sentido e evoca seu direito político de existir e de resistir. Ao mesmo tempo, é uma potencialidade coletiva, é uma potência insurgente, que une ainda mais o grupo de secundaristas, por mais distantes espacialmente que eles estejam.

Maurizio Lazzarato (2006) afirma que a vida deixa de ser reduzida a sua definição biológica para tornar-se cada vez mais uma virtualidade molecular da multidão. Nesse contexto, o espaço biopolítico se torna mais potente do que o espaço político, já que ele é um campo fértil gerador de ações e resistências, cujo motor é o coletivo, o desejo da multidão. Inspirados por Deleuze (2013) podemos dizer que a biopolítica, nesse contexto apresentado, biopolítica deixa de ser prioritariamente a perspectiva do poder e de sua racionalidade, e inclui a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto da produção de discursos. “Biopolítica não significa mais poder sobre a vida, mas antes a potência da vida” (PELBART, 2011, p. 134).

6. Considerações finais

As manifestações insurgentes dos secundaristas em 2015 foram marcadas, dentre outros inúmeros fatores, pela transformação das ruas e das redes em cenas conflituosas de enunciação e demonstração de diferentes tipos de injustiças percebidas e sofridas por grupos e indivíduos que as nomearam em uma multiplicidade de imagens. É possível afirmar, a partir das reflexões de Rancière (2000a, 2000b, 2007, 2009), que tais manifestações revelaram uma poética de criação dessas cenas, da emergência de mundos nos quais sujeitos e objetos antes não figurados se tornam visíveis e suas palavras são consideradas através, sobretudo, da escrita.

Esse trabalho de criação de dissenso constitui uma estética da política que, segundo Rancière, relaciona-se com as formas de “produzir diferentes relações entre palavras, os tipos de coisas que elas designam e os tipos de práticas que empoderam” (2010, p.54). A estética da política é, portanto, uma atividade de reconfiguração do que é dado no sensível, operada por um sujeito político dotado de

¹³Extraído da página *O Mal Educado*, do Facebook, disponível em <<https://www.facebook.com/mal.educado.sp/?fref=ts>>. Último acesso em 26/04/2017.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

capacidades enunciativas e demonstrativas para alterar a relação entre o visível e o dizível, entre palavras e corpos, entre a saturação e o suplemento. Não se trata simplesmente de apontar formas ideológicas de camuflar desigualdades, mas de nomear e tornar visíveis e verificáveis as experiências singulares que tornam uma condição intolerável.

Por outro lado, Deleuze (2013) adverte que o acontecimento não exige uma compreensão e uma formulação clara. O acontecimento é o próprio sentido, como devir, movimento infinito, o vir a ser. Nas imagens insurgentes há um desconhecimento das consequências dos atos, a história se escreve no durante. As imagens são paridas no acontecimento. Com isso, criam-se variáveis, forças, disputas que vão se construir e, ao mesmo tempo, construir o sujeito político. Pela performance, o militante secundarista faz da própria imagem o seu grito, o seu discurso, a sua voz, que ao se tornar visível ao público, expõe o dano social e transforma a forma de olhar aqueles que lutam.

Referências

ALONSO, Angela; MISCHE, Ann. Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests. **Bulletin of American Research**, Vol. 36, Nº 2, pp. 144-159, 2017.

BUTLER, Judith. Bodies in Alliance and the Politics of the Streets. BLUMENKRANZ, C.; GESSEN, Keith et al. **Occupy! Scenes from Occupied America**. New York, Verso, 2011.

CAMPOS, Antonia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. **Escolas de luta**. Coleção Baderna. São Paulo: Veneta, 2016.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

CASTRO, Lucia Rabello de. Entre a subordinação e a opressão: os jovens e as vicissitudes da resistência na escola. In: MAYORGA, Claudia; CASTRO, Lucia Rabello de; PRADO, Marco Aurélio Maximo (orgs.). **Juventude e a experiência da política no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, pp. 63-97, 2012.

CHAMBERS, Samuel. **The Lessons of Rancière**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos**. Crise e Insurreição. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DAY, R. From hegemony to affinity. **Cultural Studies**, Vol. 18, Nº 5, pp. 716-748, 2004.

DELLA PORTA, Donatella. **Social movements in times of austerity: bringing capitalism back into protest analysis**. Cambridge (UK): Polity Press, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GOODWIN, J.; JASPER, J. M.; POLLETTA, F. **Passionate politics**: emotions and social movements. Chicago, University of Chicago Press, 2009.

HARVEY, D. **Cidades Rebeldes**. Do Direito à Cidade à Revolução Urbana. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.

LAZZARATO, M. **As Revoluções do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: Edições Sesc e n-1 edições, 2014.

MARQUES, A. C. S. Política da imagem, subjetivação e cenas de dissenso. **Discursos Fotográficos**, Vol. 10, Nº 17, pp. 61-86, 2014.

MAYORGA, Claudia; CASTRO, Lucia Rabello de; PRADO, Marco Aurélio Maximo (orgs.). **Juventude e a experiência da política no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Singularidade e identidade nas manifestações de 2013. **Anais do 39º Encontro Anual da Anpocs**. Caxambu (MG), outubro de 2015.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital**. Ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. Dissenting words: a conversation with Jacques Rancière. **Diacritics**, v. 30, n.2, p.113-126, 2000a.

RANCIÈRE, Jacques. Literature, Politics, Aesthetics: Approaches to Democratic Disagreement. Interviewed by Solange Guénoun and James H. Kavanagh, **Substance**, n.92, p.3-24, 2000b.

RANCIÈRE, Jacques. Le travail de l'image. **Multitudes**, nº 28, p. 195-210, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. The method of equality: an answer to some questions. In: ROCKHILL, Gabriel; WATTS, Philip (eds.). **Jacques Rancière: History, Politics, Aesthetics**. Durham and London: Duke University Press, p.273-288, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SOUTO, Anna Luiza Salles; SILVA, Itamar (orgs.). **Democracy, citizenship and youth**. Towards social and political participation in Brazil. London: Tauris Academic Studies, 2009.

VEIGA, Roberta; KIMO, Paula. Como insurgir no acontecimento pelas imagens. Notas sobre uma modalidade do regime estético. **Revista Eco Pós**, Vol. 20, nº 2, p. 32-52, 2017.